

## **GOALBALL COMO CONTEÚDO DE UM CURRÍCULO INCLUSIVO: INSERINDO O EDUCANDO NO MUNDO DO DEFICIENTE VISUAL**

Arlindo Fernando Paiva de Carvalho Junior 1<sup>1</sup>

*PALAVRAS-CHAVE: Currículo; Educação Física Escolar; Inclusão; Goalball;*

### **INTRODUÇÃO**

Segundo Rocha (1997, p. 78), currículo quer dizer “Parte de matérias de um curso.”, já o dicionário crítico da Educação Física apresenta diferentes autores que desenvolvem estudos no campo do currículo e diz que os mesmos concordam que o currículo pode ter diferentes sentidos em função do contexto em que é construído, pois cada um apresenta uma visão sociopolítica de educação (GONZALEZ; FENSTERSEIFER, 2005). “A palavra currículo vem da palavra latina *Scurrere*, correr, e refere-se a curso (ou carro de corrida). As implicações etimológicas são que, com isso, o currículo é definido como um curso a ser seguido, ou, mais especificamente, apresentado.” (GOODSON, 2012, p. 31).

No contexto escolar o currículo passa a ser toda a gama de conhecimentos, informações e habilidades que serão desenvolvidas com os alunos. Esse currículo direciona a prática pedagógica dos professores e através de princípios, objetivos e ideologias, seleciona conteúdos em detrimento de outros para alcançar o que se almeja com os educandos. “Por analogia tem-se uma primeira aproximação conceitual – o currículo escolar representaria o percurso do homem no seu processo de apreensão do conhecimento científico selecionado pela escola: seu projeto de escolarização.” (SOARES et al., 1992, p. 27). De certa forma, os princípios e as diferentes visões de educação possibilitam diferentes currículos, criados conforme uma determinada ideologia.

Na Educação Física Escolar (EFE) não houve muitos autores que se dedicaram a pesquisar o currículo da área. Segundo Faria Junior (2014) a preocupação com o currículo da Educação Física nas escolas brasileiras ocorre inicialmente em 1973, através do Departamento de Educação Física e Desportos (DED) do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Em 1976 o DED realizou, apenas com professores brasileiros, um seminário para elaboração do currículo de Educação Física. (FARIA JUNIOR, 2014). Com a pluralidade de significados sobre o tema e a pouca discussão acadêmica na área, tornou-se de extrema importância a discussão sobre as possibilidades de um currículo inclusivo.

Neste sentido, o presente texto tem como objetivo apresentar o *Goalball* e outros conhecimentos como possibilidades de aprendizados, visando um currículo inclusivo, consciente, democrático e igualitário.

## DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES

O currículo da EFE tradicionalmente é moldado visando um padrão de qualidade e transmissão de conhecimentos baseado em um projeto de corpo que muitas vezes não condiz com a diversidade cultural do alunado. As características físicas, culturais, sociais, econômicas e cognitivas dos discentes são diversas dentro de uma mesma comunidade escolar. Propor um currículo multicultural e diversificado que atenda as diferentes realidades dos discentes é um processo complexo, principalmente quando desenvolvido na perspectiva da inclusão. Geralmente a lógica tradicional é adaptar os conteúdos aos alunos com necessidades educativas especiais (NEE) por suas diferentes limitações. A tão discutida inclusão nas aulas de EFE em muitos casos resume-se a adaptação dos conteúdos (esportes e demais atividades) às limitações dos alunos com NEE. Esses alunos em muitos casos desistem de participar das aulas de EFE pela pressão que os demais alunos impõem nas aulas. Para haver a verdadeira inclusão não só o aluno a ser incluso deve estar preparado, mas o ambiente e os demais membros da comunidade escolar devem ser solidários as adaptações realizadas na aula pelo professor. Muitos alunos são resistentes as adaptações dos conteúdos e do currículo, provocando um mal-estar e constrangimento aos colegas que precisam da adaptação nas aulas.

A maioria, se não todos os conteúdos desenvolvidos nas aulas de EFE são atividades criadas para videntes, não amputados, ouvintes, etc., visando sempre um padrão regular de corpo. Por que conteúdos próprios para cadeirantes, cegos, surdos e alunos com outras limitações corporais não são desenvolvidos nas aulas? Por que a lógica não é inversa? O currículo acaba sempre atendendo a maioria, enquanto os grupos minoritários, como o deficiente incluso em uma turma regular, tentam se encaixar nas aulas através de adaptações dos conteúdos pelo professor.

A LIBRAS, o basquete em cadeira de rodas e o *goalball*, por exemplo, são conhecimentos que, se desenvolvidos nas aulas de EFE, podem ajudar na conscientização do alunado sobre as limitações e as necessidades dos alunos com NEE. Desenvolver esse tipo de conteúdo em escolas regulares ajuda a promover a inclusão do cego, do surdo, do cadeirante



na sociedade promovendo uma educação mais digna, ética e igualitária. A inclusão não se resume a matricular um aluno com NEE em uma turma regular e adaptar conteúdos e aulas à limitação do corpo, mas sim proporcionar vivências que condizem com sua realidade corpórea e cultural. A inclusão deve ser pensada em uma via de mão dupla incluindo não só o aluno com NEE nas aulas de EFE, mas inserindo os demais discentes na dimensão das limitações corporais, seja ela qual for.

Um currículo inclusivo não pode se resumir a adaptar conteúdos, mas deve selecionar conteúdos próprios para determinadas limitações corporais, atendendo não só as necessidades de uma maioria, mas contemplando também as minorias. O *goalball*, especificamente, desenvolvido em uma turma regular, com os alunos vendados, ajudará não só a desenvolver a conscientização sobre a inclusão dos deficientes visuais, mas ajudará no aprimoramento da orientação e mobilidade através dos demais sentidos do corpo.

Neste sentido, propõem-se o desenvolvimento de conteúdos como o *goalball*, a Libras, o voleibol sentado e o basquete de cadeira de rodas nas aulas de EFE. Independente se as turmas possuem ou não algum aluno com NEE é fundamental que os alunos vivenciem conteúdos próprios de pessoas com limitações corporais, pois contribuirá para formação da consciência crítica na formação do cidadão digno, ético e com princípios igualitários.

## REFERÊNCIAS

FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. Os currículos de Educação Física e o ensino por unidades didáticas. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 16-32, 2014.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GONZALEZ, F.J.; FENSTERSEIFER, P.E. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Ed.UNIJUÍ, 2005.

ROCHA, Ruth. **Microdicionário**. São Paulo: Scipione, 1997.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

## FONTE DE FINANCIAMENTO

Sem fonte de financiamento.

---

<sup>1</sup> Professor Mestre em Ciências da Atividade Física do Instituto Benjamin Constant. E-mail: afjr18@hotmail.com